

O ENSINO DE HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO: NOVOS PROBLEMAS, MÉTODOS E ABORDAGENS

TEACHING HOLOCAUST HISTORY: NEW PROBLEMS, METHODS AND APPROACHES

Karl Schurster 1

Luzilete Falavinha Ramos 2

Resumo: Esse artigo tem por objetivo apresentar um breve lastro acerca de como o Ensino do Holocausto foi e tem sido percebido em alguns países e quais instrumentos subsidiam esse ensino colaborando para o modo como o fenômeno é percebido por professores e estudantes. A partir de pesquisa bibliográfica o texto apresenta alguns recursos utilizados por instituições de educação formal e não-formal na tentativa de contribuir para que o ensino da temática se mostre mais coeso evitando controvérsias conceituais e, assim, estabeleça um diálogo mais profundo com a sociedade, favorecendo um ensino que também esteja conectado com a Educação em Direitos Humanos. Pesquisadores da temática e Coordenadores de instituições que promovem o ensino da história do Holocausto, discutem os avanços e as crises nesse ensino apontando alguns aspectos que podem ser, em maior ou menor grau, fatores de impulso e/ou contenção de um ensino coerente sobre o tema. As transformações que esse ensino sofreu ao longo do tempo e as diversas abordagens que o permeiam impactam diretamente na forma crítica e analítica como pesquisadores, professores estudantes e a sociedade em geral compreendem o fenômeno e o relacionam à historiografia do tempo presente tornando seu ensino um campo vasto de desafios. Ao final dessa investigação é possível concluir que os aspectos aqui apresentados e que envolvem esse tema social vivo tornam seu ensino, por vezes, mais difícil e complexo do que esclarecedor.

Palavras-chave: Holocausto. Ensino. Abordagem Metodológica. Direitos Humanos.

Abstract: This article aims to present a brief ballast about how the Teaching of the Holocaust was and has been perceived in some countries and what instruments support this teaching contributing to the way the phenomenon is perceived by teachers and students. From bibliographic research the text presents some resources used by formal and non-formal education institutions to contribute to the teaching of the theme being more cohesive avoiding conceptual controversies and, thus, establishing a deeper dialogue with society, favoring a teaching that is also connected with Human Rights Education. Researchers of the theme and Coordinators of institutions that promote the teaching of the history of the Holocaust, discuss the advances and crises in this teaching, pointing out some aspects that can be, to a greater or lesser degree, impulse factors and/or containment of a coherent teaching on the subject. The transformations that this teaching has undergone over time and the various approaches that permeate it directly impact on the critical and analytical form as researchers, student teachers and society in general understand the phenomenon and relate it to the historiography of the present time making its teaching a vast field of challenges. At the end of this investigation, it is possible to conclude that the aspects presented here and involving this living social theme make its teaching sometimes more difficult and complex than enlightening.

Keywords: Holocaust. Teaching. Methodological Approach. Human Rights.

- 1** Doutor em História Comparada pela UFRJ e pela Universidade Livre de Berlim. Professor da Universidade de Vigo/Maria Zambrano de atração de Talentos Internacionais/União Europeia Nex Generation. Livre Docente da Universidade de Pernambuco (UPE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9572701361201130>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1363-119X>. E-mail: karl.schurster@gmail.com
- 2** Mestra em Educação. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Colaboradora do Departamento de Educação do Museu do Holocausto de Curitiba. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5878517516572450>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9218-4174>. E-mail: luzifal@gmail.com

[...] nós vivemos no século XXI, não à luz de velas do século XIX. Precisamos usar as coisas que temos e não ter medo de fazer isso.
(Yehuda Bauer)

Introdução

Em 15 de junho de 2020 o jornal israelense, fundado em 1919, HAARETZ, publicou matéria sobre o relatório disponibilizado pela Academia Nacional de Ciências de Israel, que relatava o estado dos estudos sobre o Holocausto no meio acadêmico do país. O relatório apontou que menos estudiosos de Israel estão se debruçando sobre as questões centrais associadas à investigação sobre a Shoah. Antissemitismo, racismo, Nazismo, Estado e sociedade, têm se tornado tópicos tangenciais nas pesquisas que estão centradas, majoritariamente, nas comemorações e representações do Holocausto, com foco especial nas questões de memória e identidade.¹ A consequência disso, está disposta no próprio título da matéria: “Israel já não lidera no mundo a pesquisa sobre o Holocausto”. O estudo, realizado entre 2017-2019 formado por acadêmicos de grande prestígio internacional no tema, como Yehuda Bauer, Israel Bratal, Dina Porat, dentre outros, destaca que um dos motivos dessa queda acentuada da contribuição de Israel em escala mundial nos estudos do Holocausto está na grande desvalorização da área de Humanidades no país, fenômeno que se repete em vários países do mundo. A comissão aponta ainda que menos jovens têm se demonstrado dispostos a lidar com os grandes desafios de como analisar fontes de arquivo e aprender vários idiomas estrangeiros, tão necessário para uma compreensão mais abrangente do genocídio. Descrevem uma carência significativa de formação dessa nova geração em relação ao estudo da história da Europa Moderna e Contemporânea, não conseguindo fazer uma leitura da *Shoah* de forma integrada a essa história.

Os relatores afirmam que essa perspectiva de abordagens mais tangenciais contraria, de certa forma, as tendências mundiais de estudos sobre o Holocausto que ainda são majoritariamente documentais e com ênfase nas questões mais centrais dos eventos históricos. Uma constatação bastante relevante é que a maioria dos 250 cursos analisados não realiza em seu conteúdo nenhum elo entre o fenômeno do Holocausto e a Segunda Guerra Mundial como um conflito. Esse problema também é observado em escala mundial. Questões que envolvem a ligação inseparável entre os eventos da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto são pouco encontradas em pesquisas acadêmicas dando a impressão que o regime Nazista, a Segunda Guerra e o Holocausto são eventos distintos e não partes integrantes de um todo. A análise de mais de 50 teses de doutorado realizadas pelos membros da comissão mostrou que mais de 60% das pesquisas estavam centradas no período pós-guerra e se relacionavam diretamente com a memória das vítimas e as formas de lidar com o passado traumático. É bastante singular que a conclusão do relatório caminhe para a indicação ao Ministério da Educação de reforçar o ensino sobre o tema e outros idiomas no ensino básico, chegando a recomendar cursos sobre métodos de pesquisa e tópicos de estudos sobre o Holocausto para estudantes que estão prestes a adentrar no ensino superior.

Em muitos períodos da historiografia os estudos dos fascismos e do Holocausto sofreram radicais transformações em relação a métodos, objetos e abordagens. No início era preponderante a fala do perpetrador, por meio de um *corpus* documental que privilegiava a lógica do nazista como capaz de explicar a política de extermínio massivo. Ao passar dos anos as vítimas ganharam espaço e reconhecimento da sua fala perante o meio acadêmico e foram incorporadas cada vez mais as análises sobre a natureza e o agir político do regime nazi. Durante os anos '80 do século passado se chegou-se ao embate teórico se era possível continuar escrevendo a história do trauma coletivo pela fala do algoz ou se teríamos que dar um destaque fundamental à narrativa da vítima. Disputa essa bastante acalorada pelo fenômeno negacionista que ganhava cada vez mais espaço midiático. Por mais que o negacionismo ainda seja um perigo real à história e memória do Holocausto, já não é mais significativo uma historiografia de escolha por escalas de valor. A história do Holocausto deve e pode ser compreendida de várias formas, que são capazes de nos apresentar uma visão mais crítica e analítica do que representou o fenômeno nazista e como se tornou humanamente possível o genocídio. Para isso é fundamental que as falas e discursos sejam analisados e inseridos no campo do fenômeno histórico. O Holocausto foi um processo genocidário de extermínio coletivo que marcou profundamente o século passado e que alerta ao mundo o perigo real das condições

¹ Disponível em: <https://outline.com/bKbSg4>. Acesso em: 10 jun. 2020.

de existência dos fascismos. O que o nosso tempo presente fez foi tornar ainda mais imperativo o ensino deste tema socialmente vivo, especialmente com a ressurgência dos fascismos via as direitas radicalizadas (SILVA ; SCHURSTER, 2022).

Ensino, Direitos Humanos e o papel educativo do Museu do Holocausto de Curitiba

Fazer o que se pode com o que se tem vislumbrado ir além, parece um primeiro passo para qualquer ensino, ou mais do que isso, um axioma tão evidente que se aproxima do senso comum. Contudo, em se tratando do Ensino do Holocausto é bastante perceptível essa premissa. O caminho que traça a história do ensino do Holocausto é um percurso ainda recente e que vem se construindo entre erros e acertos, entre pedagogias mais tradicionais e mais contemporâneas, entre informações mais conservadoras e outras mais inovadoras, conforme avançam também as pesquisas sobre o tema e os espaços formativos que pensam o ensino. Por mais que se procure um compasso entre as investigações de história propriamente dita sobre o trauma socialmente vivo do Holocausto (SCHURSTER; ARAÚJO, 2022), há um espaçamento significativo entre as produções acadêmicas e o *time* para chegarem à sala de aula e mesmo nos manuais de ensino. Em verdade, os grandes temas que permeiam as discussões sobre o Holocausto demoram, em média, uma década até saírem das Universidades e terem impacto significativo nas escolas de uma forma geral. No Brasil, onde o tema vem ganhando cada vez mais espaço e interpretações com narrativas acadêmicas, boa parte desse espaço, que as Universidades negligenciaram, seja pela suposta “distância do país com o tema”, o que não condiz com os dados da migração para o Brasil mesmo antes da Segunda Guerra Mundial, seja por questões arquivísticas, parafraseando Elisabeth. Roudinesco, o “mal do arquivo” (ROUDINESCO, 2006), foi ocupado por museus, memoriais e associações que se dedicam a memória do trauma social coletivo.

Um desses espaços é o Museu do Holocausto de Curitiba. Inaugurado em 20 de novembro de 2011, sendo o primeiro ligado à temática, no Brasil. Situada em uma das capitais da região Sul do país, a instituição é considerada dentro da categoria de museus, a primeira a pautar suas ações no tripé pesquisa-memória-educação da Shoah. Idealizado por Miguel Krigsner com o intuito de construir uma obra para que esse evento da História da Humanidade não seja esquecido, o museu recebe, semanalmente, cerca de 700 pessoas entre estudantes de escolas de todo o país, educadores e público em geral². Por esse motivo, a instituição se firma também como um grande espaço formativo, cujas ações voltadas para estudantes e professores estão sob a responsabilidade do seu Departamento Pedagógico. O museu do Holocausto de Curitiba é quase um ano anterior a publicação das Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (agosto de 2012), o que demonstra como as iniciativas oriundas da sociedade civil funcionam como provocadoras e até mesmo catalizadoras de normativas em âmbito nacional de questões que são latentes a própria dinâmica de cada tempo presente.

Considerando que o Museu do Holocausto traz como referência a proposta educacional da Escola Internacional para Estudos do Holocausto do Yad Vashem (Israel) e a nova pedagogia da Shoah, que tem como um dos precursores o professor Yehuda Bauer, um dos primeiros acadêmicos a transformar o Holocausto num objeto de estudo, o espaço expográfico, a mediação das visitas, os materiais educativos e as formações para professores estão pautadas em narrativas pessoais de sobreviventes e também daqueles que pereceram no genocídio. Seguindo uma cronologia temporal histórica, tais narrativas perpassam o antes, o durante e o depois mostrando acontecimentos da guerra através de histórias de vítimas que possuem ligação com o Brasil ou Paraná. Sendo assim, o centro de gravidade da instituição é o Departamento Pedagógico que evidencia as bases educacionais institucionais em suas atividades. Essas estão em consonância à Educação em Direitos Humanos vigente no país a partir da publicação do Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH) em 2006, seguido das Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (DNEDH) em 2012, que atribuem essa educação às instituições formais e não formais de

² Dados relacionados ao funcionamento da instituição antes do fechamento, em março de 2019, pelas normas de isolamento social instituídas como preventivas à Pandemia da Covid -19.

ensino.

Assim, o Holocausto é o ponto de partida para discutir situações contemporâneas mundiais, nacionais e/ou locais que violam os Direitos Humanos. Entre outras palavras, isso significa que todas as produções e ações do Departamento Pedagógico do Museu do Holocausto de Curitiba, considerando todas as etapas formativas (da Educação Infantil ao Ensino Superior), partem de narrativas pessoais da Shoah para analisar a realidade atual refletindo sobre os perigos de se permanecer em silêncio e indiferente ao outro oprimido, ou constituído como a causa fundadora do sofrimento de determinados grupos sociais (Kehl, 2007). O departamento de educação acredita que o estudo do Holocausto deve ser desenvolvido dentro do contexto da história completa, sendo necessário fazer recortes dessa história, selecionando conteúdos a serem ensinados considerando informações relevantes de acordo com a faixa etária, necessidade e contexto dos estudantes. Todas as propostas educativas apresentam caráter interdisciplinar e visam promover a empatia com o tema, seguindo as diretrizes que são preconizadas em Israel pelo Yad Vashem.

Estas foram as produções educativas produzidas pelo departamento em 10 anos de funcionamento:

Quadro 1. Relação de atividades desenvolvidas pelo Departamento Pedagógico do Museu do Holocausto de Curitiba

Atividade	Descrição	Objetivo
Maletas Pedagógicas	Projeto piloto ainda em construção consiste em maletas temáticas (infância, resistência, Noite dos Cristais, heroísmo, sobreviventes e outros) itinerantes compostas por materiais ligados a histórias pessoais do Holocausto, como réplicas de fotos, documentos, objetos, cartas, postais e mapas. Com função cultural, pedagógica e lúdica, pode ser explorado individualmente, por pequenos grupos ou pela turma toda.	Percorrer escolas e incentivar a discussão sobre preconceito, intolerância e discriminação, além de favorecer a construção da cidadania e ética dos alunos de diferentes níveis e séries.
Livro “Milhões de Vozes”	Composto por 18 histórias é um compilado de narrativas pessoais de sobreviventes contadas a partir de objetos (boneca, violino, croqui de uma casa, lenço, medalhas, máquina de escrever, caderneta de endereços, talit, cartão postal, estrela amarela, foto no gueto, lista de Schidler, identidade palestina, livro de receitas, identidade belga, caixinha de metal, manuscrito, livro “Salto para a vida”) e temas pedagógicos (memória afetiva, resistência, saudade, medo, heroísmo, esperança, resiliência, fé, infância, identidade, vida, responsabilidade, pertencimento, destino, liberdade, sobrevivência, memória coletiva, educação & shoah).	Resgatar histórias que personificam o Holocausto promovendo uma reumanização da vítima e revelando uma obrigação moral diante do sofrimento humano.

<p>Projeto Pedagógico “Tsé”</p>	<p>Baseado no filme Tsé, o projeto é composto pelo documentário de Fabio Kow (conta a história de sua avó Tsé, sobrevivente do Holocausto), que está disponível no site do Museu, e propostas de atividades educativas para crianças e jovens.</p>	<p>Propor uma reflexão sobre três importantes conceitos: resistência, sobrevivência e resiliência.</p>
<p>Programa Educativo “Pirâmide do Ódio”</p>	<p>Composto por uma pirâmide com cinco níveis de ações que acompanham imagens relacionadas ao Holocausto e a fatos contemporâneos nacionais, esse programa é baseado no material do Museu Interativo Judaico do Chile. É um recurso pedagógico desenvolvido para fortalecer nos alunos o sentido de cidadania e de responsabilidade social individual. Também utilizado nas formações com professores, auxilia os educadores a perceberem situações cotidianas no contexto escolar que estão intimamente ligadas às etapas que compõem um genocídio.</p>	<p>Chamar atenção para situações corriqueiras que parecem “inofensivas”, mas que somadas a outras podem gerar problemas irreversíveis.</p>
<p>Material Educativo “Petr Ginz”</p>	<p>Desenvolvido em parceria com as Nações Unidas, o material chamado “O último voo de Petr Ginz” apresenta a história dessa que foi uma das crianças um milhão e meio de crianças mortas no Holocausto. É composto por um vídeo disponível no site do Museu e material pedagógico para professores que trazem propostas de atividades sobre o vídeo.</p>	<p>Promover lições universais sobre o Holocausto e proporcionar conexões entre a história de Petr e a vida pessoal e comunitária de cada aluno. Auxiliar nas discussões acerca da proteção da vida e dos direitos das crianças de todo o mundo</p>
<p>Formação de professores para o trabalho com o tema Holocausto em sala de aula.</p>	<p>Seminários de capacitação para professores e educadores com temas como preconceito e intolerância a partir de acontecimentos relacionados ao Holocausto. Estes acontecem dentro e fora do espaço físico do museu.</p>	<p>Instrumentalizar os professores quanto a três principais questões: por que, o que e como ensinar o Holocausto em sala de aula. Refletir com os professores sobre a razão dos alunos aprenderem esta história a partir de relatos pessoais, bem como saber quais são as lições mais importantes que se pode retirar dela a partir de recortes relevantes considerando a faixa etária e contexto dos estudantes.</p>

Concursos para escolas publicas e privadas do país	Promove anualmente concursos que levam alunos de escolas da rede pública e privada a discutir temas variados ligados ao Holocausto e Direitos Humanos.	Incentivar professores e alunos a trabalharem com o tema e apresentarem um produto final que materialize a aprendizagem construída.
Grupo para Educadores na rede social do museu.	Numa ação destinada a formar e informar os seguidores, em especial os educadores que acompanham o museu pelas redes sociais, a instituição mantém um grupo denominado “Holocausto: Educação e Direitos Humanos”. O grupo é, semanalmente, alimentado com indicações de filmes, artigos acadêmicos e sugestões de atividades.	Ampliar e/ou aprimorar os conhecimentos dos educadores e seguidores acerca do Holocausto, bem como conhecer o que vem sendo produzido academicamente sobre o tema.
Catálogos das Exposições	Material de apoio que acompanham as exposições itinerantes e que têm encartes especialmente desenvolvidos para professores.	Favorecer um trabalho pedagógico mais efetivo que permita ao professor criar ações educativas antes, durante e depois da apreciação da exposição pelos seus alunos.
Projeto Vídeos Educativos	Produção de vídeos animados em parceria com a Universidade de Pernambuco a partir das narrativas pessoais compiladas no livro “Milhões de Vozes”, como mais um recurso educativo.	Ilustrar as narrativas contidas no livro e favorecer um melhor entendimento do enredo, principalmente par as crianças.
1º Congresso Internacional sobre Ensino do Holocausto e Direitos Humanos.	Atividade acadêmica organizada em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Universidade de Pernambuco (UPE) como marco comemorativo dos 10 anos de fundação do Museu do Holocausto de Curitiba.	Conhecer e divulgar pesquisas que vem sendo realizadas no Brasil e em outras partes do mundo fomentando discussões acerca do Ensino da História do Holocausto na perspectiva de uma Educação para os Direitos Humanos de maneira transdisciplinar.
Mediações	Visitas mediadas pela exposição permanente e que seguem na perspectiva do trabalho com narrativas pessoais na perspectiva do antes, do durante e do depois, buscando (re)significar o que foi o Holocausto na história da Humanidade.	Conduzir os visitantes pelo espaço expográfico do museu fazendo relação do contexto histórico com narrativas pessoais contidas em cartões recebidos pelos visitantes no início da visita. Promover a reflexão sobre as etapas desse período histórico e analisando o que foram outros genocídios na história da Humanidade.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

De modo geral, o que se observa é que o Museu do Holocausto de Curitiba vem se estabelecendo como uma instituição educativa por meio da realização de diferentes atividades, sejam elas desenvolvidas dentro do próprio espaço expográfico com o público que o visita, ou aquelas que vão além dos muros atingindo uma diversidade de público, contextos e espaços.

Essas ações educativas levam a crença de que o Ensino do Holocausto, iniciado nas primeiras

décadas logo após o final da Segunda Guerra, vem ganhando espaço e com isso ampliando o olhar de docentes e discentes sobre o tema exigindo novos métodos e abordagens que levem em consideração a reapropriação do passado traumático por parte de cada sociedade com as questões do seu próprio tempo. No entanto, um painel de discussão online da UNESCO e da ONU, realizado no dia 10 de novembro de 2020³ aponta para uma crise no Ensino do Holocausto pautado em pesquisas que mostram que o conhecimento sobre esse fato histórico está em declínio. Segundo informação que consta na página de chamada do evento “Evidências recentes mostram que o conhecimento histórico do Holocausto está diminuindo nos Estados Unidos e na Europa, apesar dos esforços para promover uma educação abrangente sobre o Holocausto. Simultaneamente, a pesquisa sugere uma conexão entre as atitudes positivas dos alunos em relação aos direitos humanos e ativismo e sua exposição à educação sobre o Holocausto”.

A UNESCO tem sido uma grande apoiadora de programas que abordam a Educação sobre o Holocausto e o Genocídio, além de apresentar resoluções que enfatizam o significado desse fato histórico e que incentivam a importância de ensinar esse evento “como uma contribuição para a prevenção de genocídio e crimes de atrocidade”. Boa parte dessas ações está relacionada à promoção da Educação para a Cidadania Global, que é uma prioridade da Agenda 2030 da Educação e abrange o desenvolvimento de materiais de orientação e capacitação internacional e sensibilização.

Durante o painel de discussão online⁴, algumas falas de representantes de importantes instituições ligadas à preservação da memória do Holocausto apontam os seguintes desafios para o ensino da Shoah: diversificar as perspectivas para aumentar o impacto; apoiar professores e abordar os equívocos; envolver alunos e professores por meio da história oral. O estabelecimento desses desafios se dá justamente por situações verificadas em determinados países e que contribuem em maior ou menor grau para uma “crise” no Ensino da história do Holocausto:

- falta de conhecimento sobre o nacional-socialismo e o Holocausto dificultando o entendimento das estruturas políticas alemãs, europeias e mesmo globais contemporâneas globais e as sensibilidades persistentes;
- a frequente atribuição da responsabilidade das atrocidades cometidas durante o Holocausto exclusivamente à liderança nazista; a falta de conhecimento prévio da pedagogia em torno da história complexa que é o Holocausto (suas causas, seus desdobramentos e consequências);
- equívocos generalizados sobre o Holocausto entre alunos e agravado pelas desinformações online; pensamento equivocado de contextos não europeus ao julgarem que o Holocausto está distante das vidas e histórias locais.

Para Elke Gryglewski, chefe do Departamento Educacional do Memorial Casa da Conferência de Wannsee, na Alemanha, é importante fornecer aos alunos um conhecimento profundo das formas de discriminação, ideologias e estruturas relacionadas ao antissemitismo e racismo. Além disso, ele aponta para necessidade de equilibrar memória e educação a fim de criar uma melhor compreensão dessa história e suas consequências para as sociedades atuais.

Gretchen Skidmore⁵, Diretora de Iniciativas Educacionais do Museu Memorial do Holocausto dos EUA (USHMM), aponta para a necessidade de uma abordagem multifacetada da história do Holocausto considerando os diversos papéis dos indivíduos. Ela acredita que assim, apresentando que a liderança nazista contou com milhões de pessoas comuns que colaboraram na perseguição aos judeus, há um favorecimento da compreensão das responsabilidades cívicas e do papel que os indivíduos podem assumir no enfrentamento da discriminação e da ameaça de genocídio futuro. Apontou ainda, a urgência da necessidade de formação de professores, alegando que o conhecimento sobre a História do Holocausto e toda a complexidade que a envolve é o que

3 Ver mais em: <https://www.unesco.org/en/articles/holocaust-education-crisis-unesco-and-un-online-panel-discusses-challenges-and-opportunities>. Acesso em: 13 fev. 2023.

4 Ver mais em: <https://www.unesco.org/en/articles/holocaust-education-crisis-unesco-and-un-online-panel-discusses-challenges-and-opportunities>. Acesso em: 13 fev. 2023.

5 Disponível em: <https://www.unesco.org/en/articles/holocaust-education-crisis-unesco-and-un-online-panel-discusses-challenges-and-opportunities>. Acesso em: 13 fev. 2023.

falta para a pedagogia. Além disso, se faz necessário o estabelecimento de uma estrutura clara que convirja para um consenso sobre quais metodologias é mais eficaz na educação sobre o Holocausto nos Estados Unidos. Isso porque nos EUA, a exigência do ensino da Shoah aparece como parte do currículo de escolas secundárias em apenas 19 estados.

Segundo Debórah Dwork, Diretora Fundadora do Centro para o Estudo do Holocausto, Genocídio e Crimes contra a Humanidade no Centro de Graduação – CUNY, o foco deve estar na formação dos professores e não dos alunos, já que os docentes costumam ensinar com mais tranquilidade conteúdos com os quais estão familiarizados. Para Déborah, essa formação tem que ir além de oficinas oferecidas sobre o tema em programas diurnos. Ela defende que faculdades e universidades devem oferecer formação contínua sobre a História do Holocausto, a fim de que os professores tenham uma base sólida sobre o tema e obtenham mais sucesso em suas explicações em sala de aula.

Enquanto Déborah e Gretchen apontam para a necessidade da formação dos professores sobre o tema nos cursos de pedagogia, na Inglaterra, o University College London Centre for Holocaust Education⁶ treinou nos últimos anos cerca de 14.00 professores e conduziu extensas pesquisas para uma melhor compreensão de como o Holocausto é ensinado e qual conhecimento é retido pelos alunos acerca do tema⁷. Segundo, Stuart Foster⁸, Diretor Executivo da instituição, essa intensificação na formação se deu após uma pesquisa ter revelado que 56% dos alunos de escolas secundárias da Inglaterra acreditavam que Hitler era o único responsável pelo Holocausto. Além disso, pesquisas mais recentes demonstram que existem equívocos generalizados sobre o tema entre os alunos e que os professores atribuem esses equívocos aos níveis crescentes de desinformação online. Para Stuart, equívocos generalizados sobre o Holocausto podem ter consequências prejudiciais como, por exemplo, a negação do evento histórico. Por isso, defende a educação como fundamental para combater esses “equívocos”, discutir a imagem transmitida pela mídia convencional e fortalecer o pensamento crítico e a alfabetização midiática e informativa. O aumento do aprendizado da História do Holocausto está intimamente ligado ao envolvimento dos estudantes com essa história. E para que isso aconteça, é fundamental dar rostos humanos a esse evento, ou seja, criar uma empatia dos jovens estudantes ingleses a partir de narrativas pessoais, levando-os a se importarem com essa história.

Yael Siman,⁹ Professora Associada do Departamento de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Iberoamericana da Cidade do México, endossa esse último apontamento de Stuart, afirmando que o testemunho e a história oral podem ser uma ferramenta educacional poderosa não apenas para preencher as lacunas geracionais, mas também a distância geográfica. Ao se referir a distância geográfica, na verdade a professora está querendo dizer que em contextos não europeus, como por exemplo, na América Latina, o Holocausto é visto como um fato distante da vida e das histórias locais. Por esse motivo ela apresenta como um desafio a necessidade de pensar em mecanismos de ensino eficazes na transmissão do escopo global do Holocausto proporcionando conexão com histórias locais de imigração, refúgio e locomobilidade. E afirma que para isso, uma ferramenta poderosa é a história oral, por acreditar que quanto mais pessoal e específico é o testemunho, mais a história ressoa nos alunos.

Quando Gretchen Skidmore aponta para a necessidade de um ensino do Holocausto baseado numa abordagem multifacetada, ou quando Stuart Foster fala sobre uma porcentagem significativa de alunos que centralizam as causas e consequências do Holocausto na figura de Hitler, na verdade eles apontam para abordagens que conversam com uma pesquisa realizada em 2016. Philipp Mittnik¹⁰ utilizou-se da análise comparativa documental para analisar livros didáticos de história austríacos do Ensino Fundamental, visando apresentar argumentos em apoio ao ensino

6 Instituto especializado no tema e que oferece apoio aos professores na educação sobre o Holocausto em sala de aula. Ver mais em: Centre for Holocaust Education – Centre for Holocaust Education. Acesso em: 16 fev. 2023.

7 O Holocausto foi citado pela primeira vez como um tópico para inclusão obrigatória na história do ensino médio na Inglaterra com a introdução de um Currículo Nacional legal em 1991.

8 Disponível em: <https://www.unesco.org/en/articles/holocaust-education-crisis-unesco-and-un-online-panel-discusses-challenges-and-opportunities>. Acesso em: 13 fev. 2023.

9 Disponível em: <https://www.unesco.org/en/articles/holocaust-education-crisis-unesco-and-un-online-panel-discusses-challenges-and-opportunities>. Acesso em: 13 fev. 2023.

10 Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ1114862>. Acesso em: 14 fev. 2023.

sobre o Holocausto e o Nazismo na Áustria em idade precoce.

Mittnik (2016) afirma que embora a Educação sobre o Holocausto esteja incluída na maioria dos currículos de História do mundo Ocidental, ela ainda é controversa na Áustria. Os resultados mostraram que desde 1980, a quantidade de conteúdo sobre o Holocausto aumentou na Alemanha e em menor medida na Áustria. O grande desafio didático nesse último é a centralidade do Holocausto na figura de Hitler, dando a ideia de que apenas uma pessoa cometeu esses crimes e crueldades. Em sua pesquisa o autor identifica que mesmo os alunos austríacos e alemães tendo um conhecimento prévio sobre Hitler e a Segunda Guerra Mundial, a sociedade austríaca e seus políticos não querem se ver associados a este capítulo sombrio, por isso os livros didáticos podem criar identidades e negar desagradáveis incidentes no passado de uma nação trazendo dados não discutidos e fotos e imagens descontextualizadas.

Ao considerar que o livro didático é um dos principais instrumentos nas aulas de História na Áustria, o autor se propõe a pesquisar esses manuais aprovados e distribuídos aos alunos austríacos sobre aprendizagem social/cívica, ao que concluiu que nenhum deles incluiu os termos “judeu” ou “holocausto” e que em apenas um exemplar os austríacos foram apresentados como perpetradores. Embora a academia se divida sobre qual a melhor idade para o Ensino do Holocausto, Mittnik mostrou em sua pesquisa que nas escolas primárias austríacas os tópicos Nazismo e Segunda Guerra Mundial são apresentados por ocasião do Dia Nacional Austríaco (26/10).

O Conselho da Europa e a UNESCO tentaram formular diretrizes centrais para esse ensino seguindo três princípios: I. combater o racismo contemporâneo e sentimento antissemita, e conhecerem a crueldade nazista; II. aprender sobre o Holocausto irá tornar os alunos cientes do significado dos direitos humanos; III. aprender sobre o Holocausto deve ter valor para a vida dos alunos. Muitas narrativas de livros didáticos pelo mundo sugerem uma ligação entre Educação em Direitos Humanos e Ensino do Holocausto onde os alunos ao serem confrontados com a história do Holocausto tornarão mais relevantes as questões relacionadas aos Direitos Humanos.

Por fim, e com o objetivo de propor uma maior reflexão sobre o tema entre os estudantes austríacos, Mittnik sugere ações que levem os alunos a desenvolverem empatia pelas vítimas daquela época e serem capazes de entender o sofrimento das pessoas no presente. Da mesma forma, afirma que como para os alunos acima dos 14 anos o trabalho com o tema é enfadonho, há que se dissipar essas impressões criando interesse entre eles, sendo necessário apresentar o fato histórico de uma maneira que os ajude a reconhecer o significado do fato para a sociedade local.

Quando a professora Yael Siman, traz para a discussão no painel online a questão de que é preciso pensar num ensino do Holocausto em que seja possível fazer conexões com processos migratórios e, assim, aproximar esse ensino de vidas e histórias locais, principalmente em países não europeus, sua fala se aproxima de uma pesquisa realizada por Mônica Vitale e Rebeca Clothey, em 2019, na própria Alemanha. Elas focaram a pesquisa na análise do currículo referente a etapa formativa do *Gymnasium* (correspondente às séries finais do ensino fundamental no Brasil), na cidade de Hamburgo. A proposta era apresentar dados que demonstrassem de que forma acontece a apresentação do Holocausto e do Nacional-Socialismo nos livros e materiais curriculares utilizados e como essa apresentação reflete nas mudanças demográficas dos alunos. As autoras optaram por Hamburgo por ser esta uma cidade com longa história de diversidade e o destino europeu com o 2º maior número de refugiados e a etapa do *Gymnasium* por ser o nível mais alto, geralmente reservado para os alunos mais bem sucedidos academicamente.

A pesquisa revelou que os materiais curriculares analisados ainda apresentam o Holocausto da perspectiva dos cidadãos alemães nativos, os valores dos dominantes sem ouvir outras vozes. Como os materiais analisados datavam de 2015, ano em que a imigração começou, principalmente de refugiados árabes, as autoras afirmam que há necessidade de se reavaliar os materiais produzidos mais recentemente de forma a verificar se o currículo se tornou mais inclusivo dado a este novo grupo demográfico. A questão que elas levantam se dá porque boa parte desses refugiados e imigrantes que compõem as escolas alemãs nos últimos anos é oriunda de países, cujos alguns líderes, negam o Holocausto. Por isso, os contextos culturais desses imigrantes precisam ser considerados, já que podem trazer para a sala de aula uma compreensão significativamente diferente dos fatos do Holocausto, com alguns ensinamentos de que era uma conspiração ou que era uma “luta igual” em que tantos judeus como nazistas eram agressores ativos. Elas acreditam que o Holocausto deve ser

visto como um conteúdo que facilite a comunicação aberta e honesta sobre diversidade cultural e religiosa, propiciando a tolerância, a não-violência, os direitos humanos e a democracia para todos os alunos.

A pesquisa ainda toca em outro ponto delicado sobre o Ensino do Holocausto, a falta de formação consistente e o treinamento adequado de professores em como apresentar o assunto de forma eficaz e sensível. Segundo elas, o aumento da xenofobia, do antissemitismo, da islamofobia e do radicalismo só pode ser erradicado com uma educação eficaz e poderosa. Sendo assim, o Holocausto como o ápice da destruição humana calculada, deve ser ensinado para uma população estudantil cada vez mais diversificada cultural e religiosa com relevância, sensibilidade e reflexão. O que requer treinamento abrangente de professores, oportunidades de capacitação contínua, materiais didáticos que levem em consideração o crescimento cultural, o pluralismo da sala de aula e uma mensagem consistente em todas as áreas educacionais.

A preocupação de Gretchen Skidmore ¹¹acerca da necessidade de um consenso sobre quais metodologias são mais eficazes na educação sobre o Holocausto nos Estados Unidos, está diretamente ligado ao fato de que no país os governos estaduais e locais são os principais responsáveis pela educação. Segundo o Escritório do Enviado Especial para Questões do Holocausto na IHRA, os Estados Unidos, não têm um currículo nacional obrigatório que obrigue a educação sobre o Holocausto em todas as escolas. Como as jurisdições locais determinam a maior parte do conteúdo e método educacional, práticas educacionais extremamente diversas emergem nacionalmente, incluindo aquelas que afetam o ensino sobre o Holocausto. No entanto, agora é comum ter programas de educação sobre o Holocausto em escolas públicas e privadas. Cada aluno em cada estado tem a oportunidade de aprender sobre o Holocausto de alguma forma. Ainda segundo o mesmo escritório, na última década, a educação, a memória e a pesquisa sobre o Holocausto cresceram significativamente nos Estados Unidos.

Em 2007, havia 185 organizações nos Estados Unidos lidando com o assunto; hoje, 212 organizações estão listadas no Diretório da Associação de Organizações do Holocausto (AHO). Algumas dessas organizações são de âmbito nacional e outras são regionais. A maioria, entretanto, são locais. Algumas dessas organizações locais fazem parte de faculdades e universidades, algumas fazem parte de comunidades judaicas e algumas são independentes. Todos estão engajados na educação e na lembrança do Holocausto; alguns também se dedicam à pesquisa. Além disso, as organizações de sobreviventes e de segunda geração também promovem a lembrança e a pesquisa.

Em 2018 a Claims Conference ¹²realizou uma pesquisa sobre conhecimento e conscientização do Holocausto. Participaram desta pesquisa 1.350 adultos a partir dos 18 anos. No tocante ao ensino da história do Holocausto, a pesquisa apontou que em particular, há um desejo de educação sobre a Shoá e há melhoria na qualidade do currículo sobre o tema. Praticamente todos os adultos participantes (93%), acreditam que todos os alunos devem aprender sobre o Holocausto na escola e 80% dizem que é importante continuar ensinando sobre o genocídio para que ele não se repita. Em termos de qualidade da educação, a maioria dos americanos (52%) concorda que as aulas sobre o Holocausto são historicamente precisas, mas poderiam ser melhores. Outra ação significativa foi o Projeto de Lei chamado “Lei da Educação do Nunca Mais”. Apresentado por Carolyn Maloney à Câmara dos Representantes, em janeiro de 2019, foi aprovado quase por unanimidade pela Câmara e pelo Senado, e sancionado em maio de 2020, projeto aparece como proposta para apoiar a educação sobre o Holocausto no país. Atualmente, 12 estados exigem que as escolas ensinem os alunos sobre o Holocausto, mas a nova lei estende os recursos a muito mais escolas e professores.

Conclusão

Há dentro dos estudos que fazem uma interface entre a historiografia do nazismo e do

11 Disponível em: <https://www.unesco.org/en/articles/holocaust-education-crisis-unesco-and-un-online-panel-discusses-challenges-and-opportunities>. Acesso em: 13 fev. 2023.

12 Organização sem fins lucrativos, fundada em 1951 que negocia e desembolsa fundos para indivíduos e organizações e busca a devolução de propriedades judaicas roubadas durante o Holocausto. Disponível em: <https://www.claimscon.org>. Acesso em: 14 fev. 2023.

Holocausto, dilemas que em larga medida nos auxiliaram a explicar o tipo de “história” do genocídio que chegou aos manuais escolares e ao grande público por outros tipos de linguagens como cinema, comics e a literatura. A saber:

- Periodização histórica. A perspectiva de entendimento do nazismo por uma “longa duração” com foco nas mudanças tendo início em Weimar, ou mesmo no império alemão, buscaram uma compreensão mais genérica que retirou o foco do genocídio, ao mesmo tempo, a “curta duração” que entendeu o genocídio só a partir de 1942, com a Operação Barbarossa, tornou o Holocausto uma consequência de um conflito militar, um ato extremo dentro da brutalidade. Essas interpretações acabaram por não compreender a complexidade de um processo de radicalização progressiva que num ao longo do tempo normalizou a exclusão e tornou o genocídio possível;
- Período de “normalização”. Houve um largo período de estudo focados quase que exclusivamente nos criminosos e nos seus atos de brutalidade. Essas interpretações não só tornaram os nazistas “monstros”, psicopatas, o mal encarnado, mas se sobrepuseram a um fator fundamental nos estudos do Holocausto que era procurar entender a construção de um “cotidiano normal”, de uma normalidade dentro da prática de brutalização da vida (MOSSE, 2016);
- A vaga conceitualização do que seria historicizar o Holocausto. Essa dificuldade, que levou a fortes embates entre diversos historiadores, destacando Saul Friedlander e Martin Boszat (SCHURSTER, 2016), possibilitou a outros mais radicalizados como o controverso Ernst Nolte a construir argumentos apologéticos sobre o nazismo e utilizando a metodologia comparativa para, de certa forma, o “normalizar” (NOLTE, 1971). Outro exemplo pode ser visto quando o prestigiado historiador italiano Renzo de Felice reabilita a figura de Mussolini em sua biografia considerando-o um “ditador modernizador” que tentou retirar a Itália de um atraso no desenvolvimento (DE FELICE, 1965).

Todos esses aspectos brevemente levantados demonstram que as disputas e discussões no campo acadêmico de investigação sobre o Holocausto acabaram por tornar o ensino desse trauma social coletivo ainda mais difícil e complexo (SILVA; SCHURSTER, 2016). Houve sempre uma tentativa de retirar as práticas de radicalização e brutalização que levaram o genocídio de uma suposta “normalidade” com a intenção de dar a esses atos um caráter excepcional que o tornaria uma exceção dentro dessas sociedades. Quando o Holocausto aparecia como um anexo ou apêndice da Segunda Guerra Mundial nos livros e manuais escolares isso referendava a hipótese de que não só teria sido fruto da guerra militar, mas ao mesmo tempo retirava qualquer possibilidade de pessoas comuns que não estivessem necessariamente sobre as ordens hierárquicas do Estado, a possibilidade de ter cometido um crime contra algum membro da comunidade judaica. O Holocausto demorou a ter uma historiografia propriamente dita como também tardou a aparecer nos manuais como um crime contra a humanidade que deveria ser ensinado a partir das próprias definições de genocídio e Direitos Humanos. Foi essa autonomia do ponto de vista das investigações e a construção sistemática de um campo do conhecimento que delineava nomes, conceitos, teorias e até métodos de investigação para a história da Shoah que nos possibilitou entender e ensinar que em grande parte o perigo residia para além do Estado e dos exércitos, mas também morava ao lado e por muito tempo era chamado de “vizinho” (GROSS *et al.*, 2002).

Os limites da banalização para ensino do Holocausto residiram em larga parte da confusa relação entre reverência x investigação. Enquanto parte do que se publicava sobre o tema estava sacralizado, e isso se deu pela força que o trauma possuía enquanto evento histórico recente na memória europeia, a outra parte buscava dentro da racionalização burocrática a explicação para o que se chamou de forma até contestada de “banalidade do mal” (ARENDDT, 2013). Fato é que o ensino de história do Holocausto foi ao longo do tempo banalizado pelo “excesso” de representação por meio das mais diversas linguagens que usaram e abusaram das formas de contar a história desse passado sensível.¹³

¹³ Para mais informações sobre esse tema ver: SCHURSTER, Karl; VÁZQUEZ, Óscar Ferreiro. *Images du mal, représentation et paratraduction: les limites du traduire*. Yuste Frías, José (Ed). Paratraducción (Número especial) Meta. Journal des traducteurs/Translators Journal. v 67, n 3. ISSN: 0026-0452.

Por mais que a história do ensino do Holocausto aqui apresentada demonstre sua complexidade e variação considerando o contexto em que ela ocorre e como os embates pelo currículo tornam, mais ou menos evidentes, determinados temas que serão abordados, o que nos chama a atenção acaba por ser o papel social do professor que ao ensinar um tema socialmente vivo acaba por ter como função levar seus alunos a um “consumo consciente” do mercado de narrativas existentes sobre esses temas. O que estamos querendo dizer é que o Holocausto não é em si a essência da discussão sobre Direitos Humanos, mas parte integrante da universalização desses direitos. Falar sobre o genocídio perpetrado contra a comunidade judaica e diversos outros grupos durante o regime nazista é tornar evidente que seu ensino possibilita o retorno a discussão social da alteridade ou daquilo que Lévinas chamou de “encontro”. Nesse sentido, o ensino de história do Holocausto não só é uma ferramenta contra o avanço do processo de brutalização e fascistização da sociedade, mas se encontra como um mecanismo fundamental de resistência, sendo um ato concreto de frear a reprodução de atos fascistas (SCHURSTER, 2020).

Referências

ARENDR, H. **Eichmann en Jerusalén**. Traducción Carlos Ribalta. Espanha: Lumen, 2013.

FELICE, R. D. **Mussolini**. Turin: Einaudi, 1965.

GROSS, J. T. *et al.* **Vecinos**: El Exterminio de la Comunidad Judía de Jedwabne (Polonia). Espanha: Critica Editorial, 2002.

KEHL, M. R. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MITTNIK, P. Holocaust Studies in Austrian Elementary and Secondary Schools. **Global Education Review**, New York, v.3, n.3, p. 138-152, 2016.

MOSSE, G. L. **Soldados Caídos**: La transformación de la memoria de las guerras mundiales. Traducción: Ángel Alcalde Fernández. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2016.

NOLTE, E. **Der Faschismus in seiner Epoche**: die Action française, der italienische Faschismus, der Nationalsozialismus. Alemanha: Piper, 1971.

RAMOS, L.F.; WEISHOF, D. O Museu do Holocausto de Curitiba e a Promoção da Educação em Direitos Humanos. *In: V CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITOS HUMANOS DE COIMBRA, 2020, Coimbra. Anais [...]* Campinas/Jundiaí: Editora Brasília/Edições Brasil/Editora Fibra, 2021. p.310 - 320.

ROUDINESCO, E. **A análise e o arquivo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SILVA, F. C. T.; SCHURSTER, K. **Passageiros da tempestade**: fascistas e negacionistas no tempo presente. Recife: Cepe, 2022.

SILVA, F. C. T.; SCHURSTER, K. A historiografia dos traumas coletivos e o Holocausto: desafios para o ensino da história do tempo presente. **Estudos Ibero-Americanos**, v.42, n 2, p. 744-772. 2016.

SCHURSTER, K. **O Fenômeno Nazi e o Impacto na Historiografia do Tempo Presente**. Rio de Janeiro: Autografia, 2016.

SCHURSTER, K.; ARAÚJO, R. P. O ensino de história dos traumas sociais coletivos e dos temas socialmente vivos: trajetórias de um campo disciplinar. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v.14, n. 36, p. e0108.

SCHURSTER, K.; GHERMAN, M. Como lidar com os fascismos hoje? **Cadernos do Tempo Presente**, v.11, n. 01, p. 03-15, jan./jun. 2020.

SCHURSTER, Karl; VÁZQUEZ, Óscar Ferreiro. **Images du mal, représentation et paratraduction: les limites du traduire**. Yuste Frías, José (Ed). Paratraducción (Número especial) Meta. **Journal des traducteurs/Translators Journal**, v. 67, n. 3, 2022.

UNESCO. **Holocaust education in crisis?** - UNESCO and UN online panel discussion. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/articles/holocaust-education-crisis-unesco-and-un-online-panel-discusses-challenges-and-opportunities> Acesso em: 13 fev. 2023.

VITALE, M.; CLOTHEY, R. Holocaust Education in Germany: ensuring relevance and meaning in an increasingly diverse community. **Fire: For International Research in Education**, Pennsylvania, v. 5, Iss. 1, p.44-062, 2019.

Recebido em 12 de dezembro de 2022.

Aceito em 13 de fevereiro de 2023.